

Experiências amorosas, conjugalidade, gênero e sexualidade entre jovens LGBT+ do interior do Rio Grande do Sul

Love experiences, conjugality, gender and sexuality among young LGBT+ people from the interior of Rio Grande do Sul

Eduardo Steindorf Saraiva

Doutor em Ciências Humanas. Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: eduardo@unisc.br

© 0000-0001-8744-9123

Mariluz Sott Bender

Mestra em Psicologia. Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: mariluzabender@unisc.br

© 0000-0001-7086-6860

Richard Ecke dos Santos

Psicólogo. Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: richardsantos944@gmail.com

© 0009-0003-5537-9302

Resumo

Objetivou-se investigar as experiências de jovens LGBT+ sobre os relacionamentos amorosos e sexuais do interior do Rio Grande do Sul. Os mesmos revelaram serem vítimas de preconceito sexual, apontaram diferenças entre o universo sentimental e o sexual e trouxeram relações com as questões de gênero, ressaltando a importância de valores como reciprocidade de sentimentos, confiança e ética na relação entre os parceiros.

Palavras-chave: Amor, conjugalidade, sexualidade.

Abstract

The aim was to investigate the expectations of LGBTQIA+ young people about the love and sexual relationships of 50 self-identified young people from the interior of Rio Grande do Sul. They revealed that they were victims of sexual prejudice, pointed out differences between the sentimental and sexual worlds and brought up gender issues, emphasising the importance of values such as reciprocity of feelings, trust and ethics in the relationship between partners.

Keywords: Love, conjugality, sexuality.

DOI: : <https://doi.org/10.18616/rdsd.v11i1.9585>

Recebido: 12-02-2025

Aprovado: 08-04-2025

1. Introdução

Na atualidade, os arranjos amorosos e conjugais vêm passando por uma série de transformações. Tais mudanças não estão restritas às configurações, pois também apontam para possibilidades de resignificação dos tradicionais padrões normativos. Assim, despontam outras produções de sentido, conceitos e práticas, tanto na forma de conjugar amor e sexo, quanto na forma de ser e viver o sentimento de casal, família, vínculos afetivos-sexuais. No entanto, as noções de amor, casamento, sexualidade e religião estão historicamente entrelaçadas (Galvão; Alencar; Alves, 2019). O casamento religioso instituiu as possibilidades de vivência amorosa e sexual, definindo o amor e o sexo dentro e fora do casamento.

Foucault (2020) aponta para a transformação que houve no casamento na Idade Média, sendo concebido pela Igreja Católica como o lugar apropriado para o controle da sexualidade. A ideia era que a exceção e a permissão do exercício da sexualidade com fins reprodutivos pudesse conter e disciplinar a sexualidade de homens e mulheres. Desta maneira, a igreja controlou as práticas sexuais dos indivíduos.

Ainda, as fórmulas históricas da institucionalização do casamento, incluindo o discurso religioso e o discurso romântico e monogâmico, estão na base do processo de nuclearização da família e da heterossexualização do laço conjugal, associados à emergência de uma concepção de indivíduo moderno e à noção de amor ligada a esta (Felippi; Itaquí, 2015). Tratam-se de processos históricos de individualização e interiorização dos sentimentos que foram modelando práticas e formas de ser. Criaram-se, assim, processos históricos que instam ao cultivo da interioridade e à obrigação da subjetivação (Foucault, 2012) e do amor.

O antropólogo Gilberto Velho (2013) trabalhou com uma concepção antropológica da categoria "amor", mostrando que ela está indissolúvelmente ligada à noção de indivíduo. Segundo Bicalho, Silva e Oliveira (2022), a noção de indivíduo estabelece seus significantes a partir de uma construção histórica e social circunscrita a sociedades específicas, seus pares e cultura, portanto, sem relação alguma com um construto natural, ou da natureza.

Corroborando com essa perspectiva teórica, Castro, Rodrigues e Catarino (2021) afirmam que é a partir do advento da linguagem que os sujeitos se produzem e interagem socialmente, logo, não existem meras naturalidades inerentes ao humano, visto que são efeitos das relações que se organizam por esta mesma linguagem. Assim, o amor está inserido dentro deste imperativo gerando seus próprios efeitos independentes dos atravessamentos da experiência, pois mesmo sem sentir, é possível compreender o que ele quer dizer.

Desde uma perspectiva psicanalítica, utiliza-se a descrição freudiana do amor como um sentimento, para diferenciá-lo da sexualidade. Isso porque na teoria freudiana há uma

distinção entre sentimento e sensação, embora muitas vezes sejam noções imprecisas e que não se diferenciam. Entretanto, não são comuns na linguagem freudiana corrente as expressões “sensação amorosa” ou “sentimentos de prazer”. Para Freud, o paradigma do sentimento é o amor ou o ódio. E o protótipo da sensação é a categoria de prazer e de desprazer. A sensação remete ao percebido pelos órgãos sensoriais ou à percepção interna de extratos profundos do aparelho anímico (Hoffmeister; Carvalho; Marin, 2019).

Já Tenório (2022) sugere diferenciar conceitualmente sentimento e emoção. Para a autora, as emoções perpassam por fenômenos mais imediatos e universais, possíveis de serem identificados em diversas culturas, como por exemplo: alegria, tristeza, vergonha, raiva, culpa etc. Já os sentimentos seriam dados subjetivos com maior prolongação de tempo e mais próximos da razão, podendo ou não desencadear alguma manifestação emocional. Na mesma tendência teórica, Lejarraga (2002, p. 72) afirma que “os sentimentos são hábitos afetivos construídos pela prática da intimidade e da introspecção, relacionados geralmente a valorações morais”.

Nessa perspectiva, problematizar tais fórmulas significa investigar suas permanências e mudanças através da escuta dos sujeitos em sua singularidade e da observação dos seus padrões de relacionamento afetivo e sexual. As “escolhas amorosas” colocam em cena tanto os elementos psíquicos que estão referidos ao sujeito e sua história de vida (subjetividade, identidade etc.), quanto os efeitos dos discursos que circulam na cultura sobre o amor e a importância do laço conjugal na vida dos indivíduos.

As relações homoafetivas quebram paradigmas ao suplantam a concepção heterossexual de conjugalidade e estabelecer novas formas de amar. Nesse sentido, tomou-se como objetivo de pesquisa analisar as narrativas de jovens LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis) do interior do Rio Grande do Sul sobre experiências amorosas, conjugalidade e as relações destas com gênero e sexualidade.

2. Aspectos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo e transversal, que teve como principal objetivo conhecer as práticas e as expectativas amorosas e conjugais de homens e mulheres do interior do Rio Grande do Sul. A fim de abranger um grande número de sujeitos, utilizou-se de um questionário dividido em blocos temáticos. O primeiro bloco propunha averiguar informações pessoais e sócioeconômicas como sexo, gênero, idade, profissão, camada social, religião, raça/etnia, orientação afetivo-sexual, grau de escolaridade, etc.

No segundo bloco foram feitas perguntas em torno do “vínculo afetivo atual”. Os objetivos específicos foram: obter categorias que definissem *vínculo amoroso*, *sexual* ou *amoroso-sexual*; listar os principais aspectos atribuídos pelos sujeitos à escolha dos seus parceiros e ou parceiras, fossem eles: físicos, de comportamento, ou ambos; obter algumas

definições para vínculo estável e instável; e visualizar os significados atribuídos às práticas sexuais ativas e/ou passivas.

No terceiro bloco as questões foram acerca dos relacionamentos prévios, incluindo o tempo de duração da última relação e fatores que contribuíram para o rompimento. Ainda, questionou-se sobre relações na adolescência e decepções amorosas. Um dos principais objetivos deste bloco foi obter definições para o que consideram como relação satisfatória ou não satisfatória, e quais os atributos necessários para se estabelecer uma relação amorosa e/ou uma relação sexual,

Nos três últimos blocos as perguntas foram relacionadas à família de origem, sexo e violência. O bloco "família de origem" visou obter as impressões dos sujeitos sobre a relação conjugal dos seus pais e a relação de cada um deles com os seus pais, figuras familiares ou irmãos. As perguntas tinham como foco os aspectos mais subjetivos das identificações, repetições e da relação com os ideais de relação conjugal ou amorosa, buscando compreender as possíveis marcas familiares que possam repercutir nas suas escolhas amorosas.

3. Resultados

3.1 Síntese das narrativas do universo gay

Vinte e cinco homens cisgêneros responderam ao questionário. A faixa etária ficou entre 18 e 44 anos de idade. A maioria se declarou como de cor branca, classe média, residentes no interior do estado do Rio Grande do Sul. As profissões foram variadas e o nível de escolaridade preponderante foi o ensino médio incompleto. Quase a totalidade dos participantes se identificam com alguma prática religiosa/espiritual, sendo a maioria católica. Dentre o universo de respostas sobre identidade sexual, a maioria dos entrevistados se autodeclarou como "homossexual".

Em relação à categoria gênero, a grande maioria se reconheceu como masculino, mas também encontramos as seguintes respostas: "feminino" e "ambos". As justificativas reforçaram a independência entre orientação sexual (os entrevistados utilizaram a nomenclatura "opção sexual") e identidade de gênero. Ou seja, o fato de desejarem afetiva e sexualmente uma pessoa do mesmo sexo, não modifica sua identidade de gênero. Sentir desejo e atração por outro homem, não os torna mulheres. Reconheceram que a feminilidade não é um atributo único e específico das mulheres.

Sobre o relacionamento atual, a grande maioria se declarou solteiro, alguns estavam namorando, e apenas um em relação (união) estável. Além dessas categorias, também responderam "casos", "ficando" e "amante". Dentre as definições para o relacionamento, a grande maioria o definiu como "amoroso-sexual". As justificativas foram

bastante objetivas, indicando a presença de sentimentos, tal como o amor, no vínculo com o sexo. O tempo de duração da atual relação variou de menos de 1 mês a 4 anos.

Os entrevistados que estavam em alguma forma de relacionamento o definiram como homossexual. Apenas uma pessoa o qualificou como sendo bissexual. Sobre a motivação para a escolha do parceiro, destacou-se a combinação dos traços físicos com os de personalidade, tais como: "ser carinhoso", "inteligente", "personalidade forte", "atraente", "energia recíproca". Tais características dos parceiros não foram associadas com traços de origem familiar, no sentido de semelhança com pai, mãe, etc. A maioria dos entrevistados que estão em alguma forma de relacionamento, o considera "instável", principalmente pelas diferenças nos objetivos e projetos de vida de cada um dos parceiros.

A quase totalidade dos participantes respondeu que já viveu alguma relação amorosa, principalmente namoro, mais especificamente entre 1 e 8 relações. Desses últimos relacionamentos, poucos foram heterossexuais, a grande maioria foi homossexual. O tempo médio de duração foi de 7 meses a 1 ano.

A grande maioria afirmou ter vivido um grande amor ou paixão na adolescência, que foi classificado como "amoroso-sexual". Esses relacionamentos foram heterossexuais para aproximadamente a metade dos entrevistados, a outra parte já tinha vivido um relacionamento homossexual. Identificou-se que os participantes não comparam os relacionamentos atuais com os passados.

Sobre os motivos que contribuíram para o rompimento, os mais lembrados foram "ciúmes" e "traição", seguidos de "diferenças", "desgaste"; "discriminação" (auto discriminação e também discriminação do meio familiar); "ausência do respeito", falta de "cumplicidade", de "confiança" e de "sentimentos [pelo parceiro]". Uma boa relação foi identificada como aquela em que existe "cumplicidade", "carinho", "respeito" e uma boa relação sexual. A relação ruim ficou caracterizada como aquela marcada pela "mentira", "desrespeito" e "traição". Nesse sentido, as decepções amorosas mais marcantes para os entrevistados foram a "traição", o "medo da discriminação" e a "falta de coragem" do parceiro.

Para estabelecer uma boa relação amorosa com um parceiro, os participantes referem que inicialmente precisam sentir atração (beleza física), e a partir daí desenvolver um relacionamento com sentimentos recíprocos, objetivos em comum e confiança. Para uma relação sexual, importa a beleza, a atração física, mas também algum elemento de afinidade. A grande maioria dos entrevistados teria uma relação amorosa-sexual com alguém de raça/etnia ou religião, diferente da sua. Em relação a uma pessoa do outro sexo (mulher), mais da metade teria algum tipo de relacionamento, sexual ou amoroso-sexual. No entanto, a outra metade não teria nenhum tipo de relacionamento com alguma mulher.

Sobre a família de origem, a maioria respondeu que a relação dos pais não foi um modelo positivo de relação pelo fato de serem muito conturbadas, e por isso não comparam os seus relacionamentos com o de seus pais. Em relação aos vínculos da infância, a grande maioria se percebeu mais ligado afetivamente à mãe, seguido dos avós e de irmãs. Na adolescência, a mãe se manteve na frente como figura de referência, porém com um número bem expressivo de respostas indicando a presença de amigos e namoradas (os). Atualmente percebem-se mais identificados com a figura materna.

Os entrevistados consideram que sexo e amor “andam juntos”, no entanto não fazem sexo somente com amor. As primeiras relações sexuais “não foram por amor”. A maioria não viveu uma relação amorosa sem sexo, e não viveria. Associam a prática sexual ativa com prazer, bem como a prática sexual passiva. Por outro lado, um número significativo já sofreu algum tipo de violência no relacionamento. Destacaram as violências morais, físicas e psicológicas. Apenas um realizou um boletim de ocorrência e a maioria relata que nunca foi autor de violências.

3.2 Síntese das narrativas do universo de lésbicas

Vinte e cinco mulheres cisgêneras participaram da pesquisa. A faixa etária variou de 17 a 41 anos, a maioria autodeclarada como branca, pertencente à classe média, com profissões variadas, e o nível de escolaridade ficou entre ensino superior completo e ensino médio completo. Em relação à identidade sexual, além da maioria homossexual, um número considerável se identifica como bissexual. A maioria das mulheres se intitula católica, mas um percentual significativo não tem religião.

Afirmaram que a orientação sexual não modifica o gênero, ou seja, o fato de desejarem outras mulheres não as torna homens. Sobre os relacionamentos atuais, mais da metade delas estão namorando ou ficando, uma respondeu estar em união estável e as demais referem-se como solteiras. Seus relacionamentos foram definidos como “amoroso-sexual”.

As que estão em alguma forma de relacionamento responderam que se trata de uma relação homossexual, apenas uma identifica-se como bissexual. Quanto aos motivos que despertaram o interesse em relação à parceira citaram a combinação dos traços físicos com os de personalidade, ressaltando a força da admiração, ao mesmo tempo em que também valorizaram a beleza, a atração física e os traços de personalidade semelhantes, ou seja, a combinação por semelhança mais do que por diferenças. Tais características da parceira não foram percebidas como familiares, no sentido de remeter a algum traço de alguém da família de origem.

A maioria das participantes caracteriza seu relacionamento atual como instável devido ao pouco tempo de relação, e a falta de compromisso e maturidade da parceira. Praticamente todas já viveram algum relacionamento amoroso no passado, principalmente

homossexuais. O tempo médio de duração dos relacionamentos foi de 6 meses a 2 anos. As motivações que levaram aos rompimentos foram as faltas de carinho, de sentimentos, de reciprocidade e de perspectivas comuns, além de ciúmes, traições, distância, diferenças e divergências. As entrevistadas revelaram não comparar os relacionamentos atuais com os anteriores.

Na adolescência, todas viveram um grande amor ou uma grande paixão, homossexual para a maioria delas, e em menor número relacionamentos heterossexuais. Diferente das respostas dos homens, que responderam "amoroso-sexual", a maioria das mulheres respondeu que essa relação adolescente foi a primeira relação "amorosa". No entanto, nenhuma se mantém atualmente, principalmente em função de várias mudanças no tempo, na vida e nos projetos de vida. Nessa perspectiva, as decepções amorosas apontadas como mais marcantes foram as que envolveram rompimentos forçados pelo peso do preconceito e pelas traições, pois compreendem que uma relação amorosa acaba quando "não existe mais respeito entre as partes" e quando "não há mais fidelidade ou confiança".

As entrevistadas caracterizam uma relação como satisfatória ou adequada quando existe principalmente companheirismo, mas também apontam a importância da confiança, carinho e respeito. Já a relação insatisfatória ou inadequada é vista como aquela em que a desconfiança e o ciúme imperam. Sobre o que buscam em outra pessoa para estabelecer uma relação amorosa, uma frase sintetiza aquilo que a grande maioria relatou: "respeito e amor, porque fidelidade, companheirismo e coisas desse tipo nascem da combinação disso". Mesmo para estabelecer uma relação sexual, as mulheres enfatizaram a importância dos sentimentos, ou seja, uma combinação entre atração física e laço emocional.

Quando perguntadas sobre o tipo de relação que teriam com alguém de outra raça ou etnia, a maioria respondeu que teria uma relação amorosa-sexual, no entanto também foi elevado o número de mulheres que respondeu "nenhuma" como alternativa. Já no tópico religião diferente da sua, não apareceu nenhuma resposta negativa, e todas as mulheres estabeleceriam alguma forma de relacionamento, principalmente amoroso-sexual. Em relação ao sexo oposto, a alternativa "nenhuma relação" obteve um número mais expressivo de respostas.

Seguindo a tendência dos outros segmentos, o tópico sobre a relação dos pais também indicou um número mais expressivo de respostas afirmando que tal relação "não foi um bom modelo". Não viram pontos de comparação entre os seus relacionamentos e o estabelecido entre os seus pais. Além disso, a maioria das mulheres indicou as "avós" como as figuras parentais que mais se percebiam ligadas afetivamente na infância. Já na adolescência despontam as(os) amigas(os). Apesar disso, quando perguntadas sobre com quem da família se percebiam mais parecidas, a grande maioria respondeu ser a "mãe".

Para a maioria das entrevistadas sexo e amor “andam juntos”. As respostas se dividiram quando responderam se somente faziam sexo com amor, com uma leve tendência ao “não”. Para a maioria delas, a primeira relação sexual foi por amor. Também a maioria já viveu uma relação amorosa sem sexo, no entanto, demonstram pouca propensão a reprodução deste tipo de relação. Associam tanto a prática sexual ativa como a passiva com o prazer.

No que tange a vivências de situações de violência, apenas 3 mulheres afirmaram ter sofrido alguma destas no relacionamento, e as autoras foram suas ex-parceiras. Os motivos foram: apego excessivo; possessividade; ciúmes e falta de amor. Por outro lado, 3 participantes referiram que foram autoras de violência após descobrir traições da parceira.

4. Discussão

Independentemente da orientação sexual/afetiva, os indivíduos possuem a capacidade da criação de laços de amor e afeto. Contudo, é preciso considerar que o amor, em suas características atuais, não é universal ou eterno, mas sim uma construção social que possui múltiplos significados, formas e valores. Cada sociedade, em sua cultura específica, elege quais as suas formas de viver, morrer, sofrer e amar (Lins, 2017).

Nesse sentido, a experiência de ‘sair do armário’ é um fenômeno social em evidência na sociedade contemporânea e tem relação com os campos de possibilidade (Velho, 2003) da vivência da sexualidade do indivíduo. Na atualidade, a condição homossexual se reconfigura, bem como seus estigmas, pois tais fatores estão intrinsecamente relacionados ao processo do “assumir-se” (Bezerra et al., 2024). Seria então a conjugalidade uma forma de legitimar a relação homoafetiva e alcançar maior aceitação por meio da institucionalização do casamento?

Heilborn (2004, p. 142) afirma que “se, de um lado, é a esfera interna que provê a unidade da díade, de outro, é a dimensão externa, ao representar sua face pública, que reforça substancialmente a identidade”. No mesmo sentido, Foucault (2004) denuncia a reprodução do laço de casamento como uma forma de reconhecimento da relação pessoal. Em ambos os argumentos, casamento e identidade estão muito implicados, fazendo que muitas vezes aconteça o que Chaumier (2004) chama de amor fusional, que se refere a uma relação onde o projeto de conjugalidade suplante a relação de identidade pessoal e os projetos individuais dos parceiros envolvidos.

Essa realidade não deixa de causar espanto, considerando todo o contexto de autonomia do indivíduo e da noção de escolha pautando as conjugalidades. O projeto de conjugalidade vem se apresentando como imperativo, com poucas alternativas em relação ao modelo sexual conjugal oriundo da heteronormatividade. Ocorre o empobrecimento do tecido relacional e das possibilidades de relações na sociedade, pois “(...) as instituições tornam desgastadas e necessariamente raras todas as relações que poderiam ser

estabelecidas com um outro e que poderiam ser intensas, ricas, embora provisórias, mesmo e sobretudo se não ocorressem dentro dos laços do casamento” (Foucault, 2012, p. 122).

Nessa perspectiva, os participantes da pesquisa relataram acerca das suas experiências amorosas e/ou sexuais prévias e atuais, evidenciando que suas expectativas em relação aos vínculos amorosos estão pautadas na valorização da reciprocidade dos sentimentos, no estabelecimento da confiança, e no que pode se compreender como uma ética da relação, pensada através da prática do respeito. Isso vai ao encontro da perspectiva cultural atual que considera que uma relação afetiva duradoura tem a afetividade constantemente presente e o compromisso como um elo de ligação (Galvão; Alencar; Alves, 2019). Nesse sentido entra em cena o amor, compreendido na atualidade como o ato de demonstrar confiança de forma recíproca entre o casal (Honneth, 2015).

Diferentemente das respostas dos homens que responderam que seus primeiros relacionamentos caracterizavam-se como “amoroso-sexual”, a maioria das mulheres denominou sua primeira relação como “amorosa”. Essa é uma distinção histórica dos relacionamentos que anteriormente eram arranjados pelas famílias, e que na época moderna passam a alicerçar-se sobre a atração sexual e o amor romântico. Esse amor está relacionado com a relação duradoura com o outro (Felippi; Itaquí, 2015).

É possível compreender aqui o amor como um conjunto de práticas sociais nas quais os sujeitos vão forjando, tanto seus sentimentos quanto seus vínculos com outras pessoas (Hoffmeister; Carvalho; Marin, 2019). Contudo, sob uma perspectiva social, Maffesoli (2014) refere que diversos autores já discutiram o amor erótico, compreendido como um dos pilares contemporâneos da individualização. Nesse sentido, vão sendo tecidas diferentes perspectivas acerca do amor, como o amor romântico inscrito na cultura androcêntrica (Bourdieu, 1998), o amor líquido (Bauman, 2004) e o poliamor como possibilidade de estabelecer relações afetivas e sexuais múltiplas ao mesmo tempo (Freire, 2013).

Destarte, adentramos na história para apontar uma outra importante perspectiva. Giddens (1993) apresenta o amor confluyente, caracterizado como aquele em que não existem as tradicionais hierarquias dos relacionamentos heterossexuais e monogâmicos. Nesse tipo de amor torna-se evidente a democratização das relações de gênero, e a importância do sexo sem objetivo reprodutivo e das relações homoafetivas.

Contudo, os relacionamentos, sejam homoafetivos ou heterossexuais, continuam fortemente marcados pelas diferenciações nas formas de viver a sexualidade entre homens e mulheres. Corroborando esta ideia, Rüdiger (2012) defende que a compreensão contemporânea de amor deve situá-lo a partir da convivência e a tensão entre dois tipos principais de amor, o confluyente e o romântico.

Contudo, amor e sexualidade são distintos. Lejarraga (2002) propõe que o amor

corresponda ao sentimento, e a sexualidade à sensação. A autora afirma que amor e sexualidade seriam dois jogos de linguagem diferentes, com suas regras próprias. No amor se idealiza o outro pelos seus atributos morais, seus valores e qualidades. Na sexualidade, que é da ordem da sensação, deseja-se o corpo do outro pelas suas qualidades físicas, em que o outro é idealizado como fonte de sensações eróticas, de prazer sensorial. Outro elemento que a autora aborda é o da temporalidade, pensando que a experiência amorosa é mais prolongada, e o desejo sexual mais momentâneo, efêmero. Estes sentimentos e sensações no mundo contemporâneo forjam uma nova possibilidade de vivência do amor.

Desta forma, frente aos objetos de desejo finalmente próximos de serem "conquistados", ocorrem determinados fenômenos psíquicos de divisão entre um objeto agora depreciado e anulado para um novo objeto a ser adorado. Diferentemente dos animais instintivos que se relacionam única e exclusivamente para a reprodução, o homem escolhe seu objeto de amor a depender das condições e motivações que tornam alguém desejável ou não (Hederson; Chatelard, 2021).

Por outro lado, a maioria dos entrevistados identificaram seus relacionamentos atuais como instáveis, e dessa forma, insatisfatórios. A insatisfação com o relacionamento pode estar relacionada ao amor híbrido, que possui uma relação entre sensação e sentimento muito mais fluída. O amor híbrido seria esta relação oscilante no mundo contemporâneo que é constituir o amor a partir das práticas sociais, mas vivenciá-los incondicionalmente como sentimento. Desta maneira pode-se compreender que as pessoas sintam-se muitas vezes em uma relação de insatisfação (Oltamari; Grossi, 2010).

Contudo, deve-se pensar nestes mecanismos de forma complexa, pois as sensações são reguladas pelo trinômio dor, prazer e desprazer, tendo no corpo um dos indicadores de avaliação e reconhecimento. Já a satisfação sentimental difere da satisfação das sensações, pois o "eu moral pode se satisfazer com aquilo que deixa insatisfeito o eu corporal ou com o que nada tem a ver com prazeres sensoriais" (Costa, 1998, p.211).

No mesmo sentido, Suy (2022, p. 25), ao discorrer sobre o amor, é incisiva: "a gente mira no amor e acerta na solidão". Para a autora, o amor é uma experiência complexa demais para se reduzir apenas a uma modalidade, visto que existem diversas maneiras de amar e nenhuma é fácil, pois não pode livrar o indivíduo da solidão. Dessa forma, a satisfação pulsional é sempre parcial e provisória (Santos, 2021), logo, não há completude possível.

O que resta é conceber que os sentimentos são hábitos afetivos construídos pela prática da intimidade e da introspecção, relacionados geralmente a valorações morais, de dado espaço e tempo cultural (Lejarraga, 2002). Ademais, há que se considerar que as novas formas de amor e relacionamento são cada vez mais mediadas e/ou atravessadas pelas telas e redes sociais, tornando o amor mais individualista e até mesmo egoísta, por pautar-se na busca de satisfação imediata (Paura; Gaspar, 2017).

Nessa perspectiva, os entrevistados também referiram decepções amorosas, que estão relacionadas aos códigos que são construídos principalmente no início do relacionamento, mas que permanecem durante toda a relação e podem ser inconscientemente reproduzidos em novas relações. Esses códigos constroem-se com base nas experiências, expectativas, olhares, censuras e descobertas que ocorrem no cotidiano do casal (Lins, 2017).

Assim, cada indivíduo produz idealizações acerca da pessoa esperada para um relacionamento, e projeta nela as expectativas que construiu desde a infância (Santoro, 2016). Apesar dos entrevistados não compararem suas relações com o exemplo que tiveram da relação dos pais, que é um importante marcador de relacionamento, outros fatores podem atravessar as suas expectativas sobre um parceiro(a), como outros casais de amigos ou familiares, filmes, livros, entre outros (Santoro, 2016).

Os sujeitos da pesquisa também demarcaram diferenças entre um universo de sentimentos e o sexual, da ordem do “tesão”, da “química” e de atributos físicos, principalmente da beleza. O desafio de uma relação, pelas respostas que deram, é o de descobrir o quê vai estabelecer o elo entre esses dois universos e, além disso, mantê-lo. Aqui podemos relacionar com o universo dialógico deste hibridismo amoroso (Oltamari; Grossi, 2010), pois ao mesmo tempo que existe uma cobrança por elementos como companheirismo, a atração sexual é muito valorizada.

Outro fator importante é a atribuição de prazer sexual tanto a atitude ativa quanto a passiva, o que vai ao encontro de um novo cenário social das relações homoeróticas, no qual estaria ocorrendo uma fragilização na forma hegemônica de interpretação do modelo fundamentado na oposição de gênero, na lógica da atividade/passividade e na hierarquia dos papéis, sendo o homem no papel de ativo e dominador e a mulher como passiva e dominada. Estes papéis podem se reproduzir ou não nas relações homoafetivas, pois, a partir destas, abre-se a possibilidade da dissolução desta binaridade, que é estigmatizante principalmente para o pólo passivo da relação, levando a uma maior simetria entre os parceiros (Sousa, 2016).

Percebe-se assim a estreita relação entre gênero e sexualidade. Sousa (2016) apoia-se em Sedgwick (1998) para defender que os termos gênero e sexualidade só existem a partir da relação entre ambos. No imaginário social difunde-se a ideia de senso comum que nas relações homoafetivas, uma das mulheres da relação tenha características masculinas e um dos homens possua características femininas, Contudo, da mesma forma que os homens, as mulheres entrevistadas entendem que a orientação sexual não modifica o seu gênero, ou seja, o fato de desejarem outras mulheres não as torna homens.

Essa perspectiva relaciona-se com a ideia de Butler (2010) que afirma que nascer com órgãos sexuais femininos não garante que o indivíduo se torne mulher, pois esta é uma construção social, e como tal, é um fenômeno incerto e dependente da cultura e sociedade.

Assim, gênero refere-se ao conhecimento acerca das diferenças sexuais e das utilizações e significados que foram adquirindo social e historicamente baseados nas disputas políticas e nas relações de poder. Dessa forma, “gênero é a organização social da diferença sexual” (Scott, 2002, p. 14).

Estas diferenças, somadas às conquistas femininas e a visibilidade dos indivíduos homossexuais podem produzir ou incitar a competição pelo poder e o agravamento do machismo, que podem gerar situações de violência (Sousa, 2016). Nessa perspectiva, as decepções amorosas apontadas como mais marcantes pelos entrevistados foram as que envolveram rompimentos forçados pelo peso do preconceito. Identifica-se que a homofobia está presente em todos os contextos, e, dessa forma, também permeia as relações intrafamiliares, onde os indivíduos deveriam encontrar acolhimento e cuidado.

Não reconhecida por uma grande maioria, sua presença instiga um trabalho analítico aprofundado sobre a transformação das diferenças em divergências, fenômeno tão presente quanto o anseio por cumplicidade e ausência de conflitos nas relações. Finalizando, pode-se observar a presença de três grandes eixos de análise: a busca da correspondência entre sentimentos e prazer sexual; a busca de uma ética da confiança (seus correspondentes: parceria, cumplicidade, companheirismo) e uma ética do respeito e valorização do outro, tanto na sua diferença, quanto nas proximidades que se afinam.

Referências

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BEZERRA, F. A. B., et al. Sair ou permanecer no armário? uma análise de como se dá o coming out nas organizações. **Revista ENIAC Pesquisa**, Guarulhos (SP), v. 13, n. 2., out. 2024- mar. 2025.

BICALHO, R. N. M.; SILVA, G. J.; OLIVEIRA, M. C. S. L. Processos de socialização e constituição do self: reflexões sobre homeschooling. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 74, p. e014, 2022. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672022000100313&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 06 jan. 2025.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTRO, M. G. R.; RODRIGUES, G. C.; CATARINO, G. F. C. As concepções de linguagem e seu impacto no ensino de Ciências. **Educação Pública** [online], 2022. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/42/as-concepcoes-de-linguagem-e-seu-impacto-no-ensino-de-ciencias>. Acesso em 06 jan. 2025.

CHAUMIER, S. **La déliaison amoureuse**: de la fusion romantique au désir d' indépendance. Paris: Payot, 2004.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FELIPPI, G.; ITAQUI, L. G. Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 105-113, jun. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 dez. 2024.

FREIRE, S. E. A. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar**: correlatos valorativos e afetivos. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GALVÃO, J. A.; ALENCAR, H. M.; ALVES, A. D. Mudanças nos relacionamentos amorosos nas últimas décadas na concepção de mulheres de duas gerações: moralidade e fragilidade dos vínculos. **Revista eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 11, n. Especial, 2019. <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2019.v11esp.04.p51>

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo, SP: Editora Unesp, 1993.

HEDERSON, G.; CHATELARD, D. Considerações sobre a divisão do sujeito e do objeto nas escolhas amorosas. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 43, n. 82, p. 35-42, dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952021000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 02 jan. 2025.

HEILBORN, M. L. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.

HOFFMEISTER, A.; CARVALHO, L. M.; MARIN, A. H. Compreendendo o Amor e suas Expressões em Diferentes Etapas do Desenvolvimento. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 19, n. 3, 2019. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e9529>

HONNETH, A. **Direito da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

LEJARRAGA, A. L. **Paixão e ternura**: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2002.

LINS, R. N. **Novas formas de amar**. Nada vai ser como antes: Grandes transformações nos relacionamentos amorosos. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

MAFFESOLI, M. **Homo Eroticus**: comunhões emocionais. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

OLTRAMARI, L. C.; GROSSI, M. P. O amor híbrido: concepções de amor no mundo contemporâneo. In: GROSSI, M.; LAGO, M.; NUERNBERG, A. **Estudos indisciplinados**: Gênero, feminismo, sexualidade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 371-390.

PAURA, M. D. C.; GASPAR, D. Os relacionamentos amorosos na era digital: Um estudo de caso do site par perfeito. **Revista Estação Científica**, v. 17, p. 1-19, 2017.

RÜDIGER, F. O amor no século XX: romantismo democrático versus intimismo terapêutico. **Tempo Social**, p. 24, n. 2, p. 149-168, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702012000200008>

SANTORO, V. C. O amor nos tempos da Internet. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 45, p. 167-170, jul. 2016.

SANTOS, T. R. Por que interessa o conceito de pulsão? **Correio Appoa**, v. 8, n. 11, 2021. Disponível em: <https://appoa.org.br/correio/edicao/316/por_que_interessa_o_conceito_de_pulsao/1056#:~:text=A%20maneira%20pela%20qual%20o,em%20torno%20de%20um%20oco>. Acesso em 03 jan. 2025.

SCOTT, J. W. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SEDGWICK, E. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.28, 2007, p.19-54.

SOUSA, B. T. **Ativo x passivo**: homoafetividade e gênero entre personagens infantis da literatura brasileira. Anais do XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades. Campina Grande: Editora Realize, 2016.

SUY, A. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. 1. ed. São Paulo: Paidós, 2022.

TENÓRIO, B. J. **Emoções, sentimentos e afetos no cotidiano e sua relação com a qualidade de vida**. TCC (Universidade Federal de Sergipe). Sergipe, 2022. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/17948/2/Bruna_de_Jesus_Tenorio_TCC.pdf Acesso em 05 jan. 2025.

VELHO, G. **Projeto, Emoção e Orientação em sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2013.

VELHO, G. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. 5ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.